

**ANÁLISE DISCURSIVA DA SÉRIE AREIA MOVEDIÇA  
A COPA SOB AS DUNAS**

Angela da Cruz Silva (UNEB)

[alegna-silva@hotmail.com](mailto:alegna-silva@hotmail.com)

Luzimare Almeida Pilloto (UNEB)

[luzimare@hotmail.com](mailto:luzimare@hotmail.com)

**RESUMO**

Pretendemos neste artigo analisar as estratégias discursivas apresentadas na reportagem, "Rádio comunitária de Natal é fechada após denúncia". Para tanto, investigamos um dos capítulos da série *Areia Movediça. A Copa sob as Dunas*, no site [www.ESPN.com.br](http://www.ESPN.com.br). Utilizamos como embasamento teórico Pêcheux (2008), no que se refere aos conceitos de estrutura e acontecimento, Maingueneau (2001), Orlandi (2007) e demais autores relacionados às teorias da análise do discurso. A metodologia consiste nas técnicas de coleta, organização, observação, descrição e análise dos dados obtidos. Mediante as análises, concluímos que, apesar da Rádio FM Novo Horizonte ser ilegal, o que justificaria o seu fechamento pela ANATEL (Agência Nacional das Telecomunicações), as denúncias feitas pelo radialista corroboraram para o cancelamento da emissora.

**Palavras-chave.** Estratégias discursivas. Reportagem. Estrutura e Acontecimento.

**1. Introdução**

Os discursos expressam sentidos que vão além da sua superfície material da linguagem, ou seja, sentidos que inferem uma reflexão dos entremeios que nem sempre são visíveis ao leitor. Em uma situação comunicativa radiofônica não é possível reformular o que já foi dito, se isso fosse possível, as reinterpretações também sofreriam reformulações. Para Maingueneau (2008, p. 74),

as palavras voam. Os enunciados orais são transmitidos por ondas sonoras, o que os tornam 'imateriais e instáveis', porém: nem todo enunciado oral é necessariamente instável; tudo depende do seu estatuto pragmático, isto é, daquilo para que serve.

A programação radiofônica conseguiu, desde a sua origem, se manter nos dias atuais como um dos mais expressivos meios de comunicação. Mesmo porque, ele se aliou as inovações tecnológicas para ter mais alcance e audiência. A sua história é rica em acontecimentos mágicos, sobretudo, pela facilidade que ele conseguiu proporcionar ao longo dos tempos. Hoje, por causa da internet, para se ouvi-lo não precisamos de um aparelho de rádio e nem precisamos parar o que estamos fazendo.

O objetivo do presente artigo consiste em realizar um estudo sobre a construção e estratégias utilizadas no discurso midiático da reportagem: “Rádio comunitária de Natal é fechada após denúncia”, veiculado no site [www.ESPN.com.br](http://www.ESPN.com.br). O corpus utilizado para análise trata-se de um vídeo, gravado pela série: Areia Movediça: A Copa sob as Dunas. Pretende-se também, observar como foi formado o discurso desta reportagem e quais artimanhas foram utilizadas como forma de persuasão dos grupos de oposição à realização da copa do mundo no Brasil. Para tanto, serão lançados mão do aporte teórico de autores da análise de discurso, tais como: Pêcheux (2008), Orlandi (2007) e Maingueneau (2004), dentre outros que trabalham dentro da perspectiva francesa.

Para Pêcheux (2008), um enunciado é descrito como uma série de pontos de deriva possíveis, neste sentido, não se pode analisar o discurso sem considerar sua estrutura e o acontecimento do qual se origina, num trabalho incessante entre descrição e interpretação, principalmente ao se considerar os discursos não logicamente estabilizados, como é o caso daqueles produzidos no meio radiofônico. Já Orlandi, destaca que, “a análise de discurso trabalha com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada sociedade”. (ORLANDI, 2007, p. 16)

Portanto, a análise feita neste artigo é advinda da pesquisa feita para a conclusão do curso de Letras, aonde tratamos de teorias sobre sujeito, discurso, estrutura e acontecimento, conforme Pêcheux (2008), Maingueneau (2001) e Orlandi, especificamente sobre a análise do discurso francês. Apresentamos o contexto sócio- histórico da origem das emissoras de rádio, no mundo e no Brasil, os tipos de rádios e programações. E por fim, fizemos uma análise discursiva da estrutura e do acontecimento na reportagem da série: Areia Movediça: A Copa sob as Dunas.

## **2. A análise de discurso e questões preliminares**

Trabalhar com a linguagem implica pensar em um termo que irá constantemente surgir pelo caminho, “o discurso”. Estudá-lo, consiste em uma busca minuciosa do entendimento como significado e resultado de um trabalho social constituído pelo homem e sua história. Orlandi (2007, p. 15-16) enfatiza que “a análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção, como

parte de suas vidas”. Nessa direção, é possível afirmar que não há como estudar a língua sem interligá-la ao seu sujeito, porém precisamos levar em consideração que em seu sentido geral, o discurso está interligado a uma conjectura de possibilidades de materialização voltadas à linguagem e à comunicação.

Segundo o *Dicionário de Análise do Discurso*, escrito por Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2008, p. 43), [...] À análise do discurso podem-se atribuir definições as mais variadas:  *muito amplas*, quando ela é considerada como um equivalente de ‘estudo do discurso’ ou  *restritivas* quando, distinguindo diversas disciplinas que tomam o discurso como objeto, reserva-se essa etiqueta para uma delas.

Dessa forma, no que concerne à linguagem e à modalidade linguística, ao considerar os referidos aspectos anteriores, é relevante ressaltar que, mesmo depois de tantos anos, a análise de discurso continua atualmente levantando questionamentos, dialogando com várias ciências e ainda suscitando nos estudantes, interesses de pesquisas na área de análise discursiva. E assim, tais descobertas proporcionam aos pesquisadores labor e satisfação. Pois ao encontrarem resultados produtivos em suas pesquisas acadêmicas, cada vez mais esses sujeitos têm encontrado respostas para suas indagações tanto profissionais, quanto pessoais. Por fim, vale pontuar que desde o seu surgimento, a disciplina análise de discurso tem buscado em seu sentido mais amplo compreender a inserção do sujeito, em meio à sociedade.

No que diz respeito à tríade do quadro epistemológico e teórico da Escola francesa, Pêcheux (2008) aponta três linhas de estudo: a primeira fase da análise de discurso que objetiva trabalhar o enunciado de maneira automática, a partir do sentido. A segunda, a partir da estrutura e a terceira e última fase a partir das desconstruções feitas no discurso, propondo uma reformulação das duas primeiras e acrescentando também como marca de análise discursiva o acontecimento.

Portanto, diante do aporte teórico utilizado, a análise feita foi embasada na prática analítica de desconstrução e construção em busca de uma compreensão incessante do seu material teórico - o discurso. Sendo esse o carro chefe da Análise discursiva neste artigo e nos estudos interdisciplinares da análise de discurso como contribuinte para a interpretação e análise dos mais variados discursos que permeiam a sociedade.

### **3. Sobre homem e discurso**

O homem é por essência própria, um “produtor de discursos”. De acordo com Koch (2003), nessa produção incessante de retóricas, ele faz uso de várias artimanhas e estratégias discursivas, na tentativa de interagir com o outro. E isto vale tanto para o locutor que emite o discurso, quanto para o ouvinte, àquele que recebe a mensagem. O emissor escreve/fala sobre determinado assunto para alguém, imaginando este alguém como um leitor/ouvinte virtual, como um sujeito que dispõe dos mesmos conhecimentos para a atividade verbal. Isso porque, também o leitor/ouvinte real recorre ao conteúdo linguístico na tentativa de compreender o discurso e interagir com ele.

Em seu sentido epistemológico, o discurso é o objeto principal das pesquisas realizadas dentro da análise de discurso. Sua expressão provém da ideia de curso, de percurso, de movimento, de correr, colocar no caminho. “O discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. (ORLANDI, 2007, p. 15)

Para o conceito teórico de Michael Pêcheux, ele é um efeito de sentidos entre locutores que vai além de suas memórias e acontecimentos sociais. Segundo ele, “[...] todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação- reestruturação dessas redes e trajetos. [...]” (2008, p. 56). Para Maingueneau (2004, p. 15), “[...] compreendemos por ‘discurso’ uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas [...]”.

Quanto à interpretação do discurso, Orlandi acrescenta que, “[...] os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”. (ORLANDI, 2007, p. 30)

Deste modo, no que concerne o discurso radiofônico, objeto específico deste artigo; podemos afirmar que o esse não está fechado em si mesmo. Pelo contrário, seus limites são fluidos e se inscrevem entre diversas formações discursivas, dotadas de mobilidade, possibilidades de mudanças, maleabilidade e historicidade. Assim, o sujeito como ser falante, se baseia na cultura em que está inserido para expor seus pensamentos, de forma que o jogo estratégico armado por ele influencie as ideias do leitor/ouvinte.

Portanto, convém dizer que “o discurso é um objeto sócio-

histórico em que o linguístico intervém como pressuposto”. (ORLANDI, 2007, p. 17) revelando uma intrínseca relação entre discurso, linguagem e sociedade e a coexistência de conflitos tanto nas filiações sociais quanto históricas de identificação das práticas discursivas. Logo, faz-se necessário ter consciência da complexidade existente em toda análise discursiva, uma vez que os discursos expressam sentidos que vão além da sua superfície material da linguagem, não havendo como estudar os discursos sem levar em consideração o sujeito, ambos entrelaçados e interligados um ao outro.

#### **4. Relações interdiscursivas e intradiscursivas**

Todo analista do discurso vai usar uma lupa para além da gramática, a fim de enxergar o que está no discurso. É como se resgatássemos no subconsciente, pensamentos passados, experiências vividas e discursos já proferidos, (os interdiscursos) para formularmos discursos atuais (os intradiscursos). A esse procedimento os analistas atribuem como resultado das relações interdiscursivas e intradiscursivas. Ratificando:

Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre interdiscurso e o intradiscorso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação. Courtine (1984) explicita essa diferença considerando a constituição – o que estamos chamando de interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscorso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele dado momento, em condições dadas. (ORLANDI 2007, p. 32)

Ao pensar na funcionalidade do discurso radiofônico, podemos destacar algumas implicações de identidades produzidas neste tipo de discurso. Assim, as memórias que ativam as intenções discursivas do sujeito vão determinar que, “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”. (ORLANDI 2007, p. 43)

Sendo assim, pensar em construção do discurso remete a uma conjuntura histórica que não se pode negar. Porque toda a trajetória da língua ao discurso está vinculada não apenas aos elementos linguísticos visíveis, mas a condições de interpretações responsáveis, assim como às características dos meios que a veiculam. Para tanto, não há como falar de discurso sem falar da polissemia a que todo falante é submetido. Essa

articulação propõe ao analista compreender os mais variados tipos de discursos e sua inter-relação com o meio.

##### **5. A compreensão de discurso sob a perspectiva da estrutura e do acontecimento de Michael Pêcheux**

Tendo em vista que as concepções de estrutura e acontecimento se encontram dentro dos estudos da teoria sobre o discurso de Michael Pêcheux, é relevante explicitar algumas terminologias básicas no que se refere a análise do discurso. Entre elas, estrutura, acontecimento, descrição e interpretação de um discurso.

Conforme os estudos sobre a análise de discurso, a linguagem está interligada ao produtor e à produção de sentidos e de processos de identificação dos sujeitos. É pela produção do discurso que podemos entender o lugar da interpretação na relação do homem com sua realidade, com os acontecimentos.

A segunda maneira diferente de compreender o discurso está relacionada a uma questão filosófica entre Marx e Aristóteles. Assim, o discurso seria compreendido a partir da ciência da estrutura e, ainda, da relação entre análise como descrição e interpretação.

Dentre as três maneiras de analisar o discurso, podemos perceber que a tradição francesa consiste em estudar o discurso e produção de sentidos, por meio da leitura, da interpretação e do acontecimento que o compõe, sendo a análise, a terceira e mais complexa forma de compreensão discursiva.

Independentemente da complexidade que envolve a compreensão do discurso materializado pela fala, é preciso levar em consideração que para realizar tal atividade, o analista do discurso precisa, além de ter como base teórica os conceitos de Pêcheux, percorrer e fazer uma articulação entre os três caminhos propostos por ele, que envolvem o acontecimento, a estrutura e a tensão entre descrição e interpretação.

O que atesta que o discurso midiático, nessa conjuntura deve ser compreendido com base nesses três caminhos supracitados. Nesse tipo de discurso, existe total interesse em revelar as ideias e os pensamentos ideológicos de um determinado grupo que assume uma determinada posição. Para tanto, é importante lembrar a linguagem radiofônica, assim como todo discurso midiático trará consigo a função de mobilizar o ou-

vinde para o conhecimento de um acontecimento ou situação de interesse particular ou geral. Todavia, as práticas discursivas utilizadas trarão consigo perspectivas ideológicas de um determinado grupo, além de estrategicamente tentar persuadir o ouvinte que pensa diferente, ou seja, a oposição.

Em face disso, mediante a importância que tem o discurso radiofônico para a sociedade, bem como a relação coexistente entre o mesmo e as teorias citadas até aqui, é que serão apresentados em seguida os conceitos de rádio, tipos de emissoras, programas e os aspectos históricos que o integram, para em seguida procedermos à análise.

### **6. *Rádio: uma história de ontem, presente nos dias de hoje***

Sendo um discurso radiofônico, o objeto utilizado nesse estudo, é imprescindível realizar um resgate da história do rádio, evidenciando o contexto de surgimento desse meio de comunicação e as dificuldades encontradas nas primeiras transmissões das ondas sonoras radiofônicas no Brasil e no mundo. Além disso, serão apresentados os tipos de rádios existentes, suas programações, a problemática da pirataria no rádio e também as providências tomadas pela ANATEL, (Agência Nacional das Telecomunicações) quanto à atuação de rádios ilegais.

Mesmo após o surgimento de novas e interessantes tecnologias, o rádio conseguiu, desde a sua origem, se manter nos dias atuais como um dos mais expressivos meios de comunicação. Mesmo porque, ele se aliou às inovações tecnológicas para ter mais alcance e audiência. A sua história é rica em acontecimentos mágicos, sobretudo, pela facilidade que ele conseguiu proporcionar ao longo dos tempos. Hoje, por causa da internet, para ouvi-lo não precisamos de um aparelho de rádio e nem precisamos parar o que estamos fazendo.

Parafraseando Coronel e Faxina (2004, p. 5), o rádio tem feito parte do cotidiano das pessoas, mantendo-as informadas, críticas, libertas, alegres ou tristes. Estados e sentimentos que promovem amores e amizades; o rádio é a voz mensageira que faz a informação chegar a lugares mais longínquos, “onde o correio não alcança, onde a internet não existe e onde as letras talvez não façam mais sentido”. Para alguns, ele tem sido o “companheiro de todas as horas, um amigo que aconselha ou um cupido, para outros, o relógio que acorda e faz dormir”.

Desde sua primeira transmissão em caráter experimental no ano

1863 o rádio tem sido um parceiro de ideias e valores. Exemplo disso foi à propaganda nazista de Adolf Hitler, que se valeu desse veículo para a construção imagética de um líder carismático e para a reprodução de crenças referentes à superioridade da raça ariana. Sobre isso, Coronel e Faxina (2004) ressaltam que:

O rádio foi utilizado para proteger ideologias como, por exemplo, o Nazismo, na Alemanha. O Ministro da Informação e Propaganda, Paul Joseph Goebbles, usou o rádio intensamente como estratégia para criar uma imagem de Hitler como um homem poderoso e invencível. Há pesquisadores que afirmam que Hitler não teria sido possível sem o rádio. (CORONEL & FAXINA, 2004 p. 5)

Assim, aos poucos, a programação do rádio foi se tornando mais popular, com músicas, publicidade e rádio novelas. A audiência aumentava, e cada vez mais as empresas se interessavam em patrocinar os programas, desencadeando o surgimento da era comercial e concorrente do rádio. As primeiras marcas a embarcarem na evolução comercial do rádio foram a Colgate e a Palmolive, algo que se segue até os dias atuais.

O rádio no Brasil se deu por volta de 1900, quando o padre Roberto Landell de Moura, considerado o pai do Radio, trouxe para cá, suas notáveis invenções, o telefone sem fio e transmissores de ondas. Aparelhos estese outros experimentos que contribuíram para o nascimento do rádio brasileiro.

Passada a fase experimental, com a liberação das transmissões radiofônicas nos anos vinte e com o sucesso dessas programações, as pessoas começaram a acreditar que o rádio seria importante para o aumento do nível cultural da sociedade. Todavia, a parte majoritária da população, ou seja, as pessoas com menos recursos financeiros não tinham acesso à programação. Por se tratar de nova tecnologia no mercado, o receptor de sinal, o rádio, era um aparelho muito caro. Por esse motivo, a programação radiofônica chegava apenas a uma classe menor da população, a classe das elites.

Sendo utilizado para fins políticos, o rádio da década de trinta representou também o surgimento da concorrência pela publicidade e pela audiência. As cidades do Rio de Janeiro e São Paulo disputavam os espaços das ondas eletromagnéticas. Para o historiador Antônio Pedro (1990), essa disputa, foi definida “como uma verdadeira guerra no ar”, suposto motivo histórico que justifique as inacabadas guerras travadas pela audiência entre as emissoras de TV e rádio no Brasil.



A década de quarenta foi o divisor de águas do rádio brasileiro, denominado de A Época de Ouro do Rádio, entra no ar o “*Jornal Tupi*”, primeiro jornal falado da história do rádio no país. Em 1942, vai ao ar a primeira rádio novela da história, “*Em Busca da Felicidade*” e em seguida “*O Direito de Nascer*”. Enfim, a programação começa agora a ser mais popular, com radionovelas, programas de humor, de auditórios, músicas brasileiras, como a bossa nova e outras.

Após a chegada da TV, o rádio pareceu entrar em um momento decadente. Mas, para rebuscar sua identidade, a comunicação radiofônica passou por um período de transição e inovação. Nesse rebuscamento, recorreu então à sua fase inicial, quando sua principal função se detinha a propagação do desenvolvimento da educação e cultura. A partir do retorno as origens, o rádio ponderou o seu uso para fins comerciais, resistiu à crise e ressurgiu, renovando a sua funcionalidade.

Em vinte e cinco de fevereiro do ano de mil novecentos e sessenta e sete, para uma organização melhor dos serviços, o Brasil criou o Ministério das Comunicações e em sancionou a Lei 9.612 que versa sobre o serviço comunitário de radiodifusão. Conforme o texto de lei:

Trata-se de radiodifusão sonora, em frequência modulada (FM), de baixa potência (25 Watts) e cobertura restrita a um raio de 1 km a partir da antena transmissora.

Podem explorar esse serviço somente associações e fundações comunitárias sem fins lucrativos, com sede na localidade da prestação do serviço. As estações de rádio devem ter uma programação pluralista, sem qualquer tipo de censura, e devem ser abertas à expressão de todos os habitantes da região atendida. (BRASIL, Lei 9.612 de 1998).

Sobre a programação de uma rádio comunitária e cidadã, a lei ainda adverte que esta deve conter informações sobre lazer, cultura e arte, ou seja, devem corroborar para o desenvolvimento social da comunidade local onde está instalada. Ainda, os apresentadores em seus programas, não podem formar discurso de ordem discriminatória quanto à raça, religião, sexo e convicções político-partidárias e sociais.

No Brasil, as piratas surgiram na década de setenta e tinham como público principal, pessoas jovens e suas programações detinham-se a, tudo o que não fosse censura.

Para a lei, são consideradas como rádios piratas as “emissoras que não têm concessão governamental para funcionar e que contam com baixa potência de transmissão e alcance de sinal restrito”. Ainda segundo o

artigo, as emissoras que agem dessa forma estão infringindo o Código Brasileiro de Telecomunicações, o que poderá gerar punições previstas pela lei. Apesar dessas consequências, não se tem uma estimativa quantitativa de quantas emissoras ilegais existem no país. Pois, “a cada rádio fechada pela (ANATEL), Agência Nacional de Telecomunicações, várias são abertas”.

Aqui em nosso país, a clandestinidade radiofônica cresceu bastante nos anos oitenta, quando alguns grupos de políticos e associações estudantis resolveram criar suas rádios piratas, com a finalidade de reivindicar contra o sistema oficial de concessões de rádio, que em sua maioria, privilegiava políticos. Com receio de serem identificados e presos, alguns protestantes e apresentadores em seus programas radiofônicos usavam pseudônimos.

No que concerne às consequências causadas pelas emissoras piratas, o site observatório da imprensa diz que,

As piratas são um estorvo para as rádios oficiais, no que diz respeito à parte técnica. A principal alegação é que os sinais de ambas se misturam no ar, causando má recepção. Quem leva a pior são as emissoras com concessão. Essa briga não vem de hoje e, ao que tudo indica, não vai acabar tão cedo.

Acredita-se que a disputa entre rádios piratas e o Ministério das Telecomunicações representa um desejo do governo em manipular informações, limitar e reprimir a opinião do povo no rádio, revelando vestígios do período ditatorial militar, em que a liberdade de expressão não existia. Assim, consegue controlar os ânimos dos cidadãos mais críticos e atentos à situação política do país.

A dificuldade existente no Brasil quanto à legalização de rádios, sejam elas de cunho comunitário ou comercial, está na burocracia. Se há dificuldade em conseguir a concessão de um canal para rádio comunitária, imagine para uma rádio comercial que envolve poder político e econômico. É por esses e outros motivos, que cada vez mais aumenta a quantidade de rádios ilegais no Brasil.

A partir de agora, munidos dos conceitos teóricos da análise do discurso e dados históricos do rádio, aqui aprofundados, partiremos para o estudo principal desse trabalho, a análise dos discursos do radialista, José Maria Silvino da rádio FM Novo Horizonte, da cidade de Natal e de Luís Alberto Volpe, narrador da série, *Areia Movediça. A copa sob as Dunas*.

### 7. *Análise discursiva da série, Areia Movediça. A Copa sob as Dunas*

A última parte deste artigo consiste em analisar o processo discursivo a partir do movimento entre descrição e interpretação, estrutura e acontecimento. As observações feitas aqui foram baseadas nos métodos, conceitos, conhecimentos e teorias apresentadas nos capítulos anteriores.

O objeto escolhido para tal análise foi acessado do site de esportes [www.ESPN.com.br](http://www.ESPN.com.br)<sup>58</sup>. Essa reportagem editada e produzida pelo site retransmite o discurso do radialista José Maria Silvino da rádio FM Novo Horizonte, da cidade de Natal, narrado por Luís Alberto Volpe, jornalista da série Areia Movediça: A Copa sob as Dunas e tem duração de dois minutos e cinquenta e três segundos.

O título da série faz referência à cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte, localizado no Nordeste do Brasil, uma vez que um dos seus pontos turísticos mais visitados consiste no Parque Estadual Dunas de Natal. A implicatura feita se dá com relação à escolha do título, selecionado de forma intencional, a partir dos efeitos pretendidos pelo uso da expressão “Areia Movediça”, indicando que a realização da copa do mundo e suas obras não seriam sinônimas de segurança, estabilidade e benefícios para a população.

A análise feita do conteúdo discursivo defende duas pressuposições: a primeira, de que a realização da copa do mundo no Brasil, as construções e reformas de estádios causariam sérios problemas no país de ordem estrutural e econômica; a segunda sustenta, pressupõe que a acusação das denúncias feitas na rádio acerca da realização da copa do mundo no Brasil foram as responsáveis pelo fechamento da mesma. Entende-se que apesar do foco de notícias do site *ESPN* ser o mundo do esporte, essa série relatou em suas reportagens outras temáticas e *acontecimentos*, como: construções de estádios, desapropriações de casas na cidade de Natal e o fechamento da rádio local.

Sobre a metodologia escolhida, adotamos as técnicas de coleta, organização, observação, descrição e análise dos dados obtidos da reportagem: “Rádio comunitária de Natal é fechada após denúncia”. Ao transcrevermos os recortes do discurso do radialista, procuramos conservar na medida do possível a originalidade de sua fala.

---

<sup>58</sup>Areia Movediça: a Copa sob as Dunas. Disponível no site [www.ESPN.com.br](http://www.ESPN.com.br). Acesso quatro de março do ano de 2014.

Em ano de Copa do mundo no Brasil, a população inteira se prepara para torcer pela seleção. Um momento importante de mudanças políticas, econômicas e esportivas para o país e para o mundo. Por serem apaixonados por futebol, os brasileiros acreditam que esse período é também favorável ao fortalecimento da nossa identidade. Esse acontecimento foi tema de discussão obrigatória na mídia e nas conversas do povo brasileiro.

Na sua primeira fala o radialista desabafa:

(1) “É...é” e reinicia “é um absurdo o que tá acontecendo [...]”.

Nessa transcrição, observa-se uma incompletude no discurso, seguida de um deslocamento repetitivo até o ponto em que a fala foi interrompida. Nesse caso, Orlandi (2007, p. 54) atesta que “o sentido não flui e o sujeito não se desloca. Ao invés de se fazer um lugar para fazer sentido, ele é pego pelos lugares (dizeres) já estabelecidos, num imaginário em que sua memória não reverbera. Estaciona. Só repete”. Essa repetição discursiva é definida pela autora de empírica (mnemônica), uma repetição popularmente conhecida como efeito papagaio.

No recorte em análise, podemos perceber que ocorreu então, um truncamento na fala do radialista, ou seja, houve um indicativo na tônica “É” apresentado pelo conhecido gaguejo. O que pressupõe a apreensão sentida no dado momento do suposto fechamento da emissora, uma vez que o vídeo expõe a ação do locutor, o qual, ao finalizar sua fala, levanta-se da cadeira e sai do estúdio. Por meio da tonalidade da voz, pudemos constatar que ele se mostra contra e indignado com o que está acontecendo naquele dado momento.

Ao considerar sintaticamente esta oração, pode-se afirmar que a repetição da vogal “É”, representa o verbo “ser” conjugado no presente do indicativo, já que se refere à palavra “**ABSURDO**”, entendida semanticamente como uma ação inaceitável. O vocábulo “**TÁ**” é uma abreviação da palavra “está”, uma variação de cunho coloquial, utilizada comumente pelo falante da língua portuguesa, evidenciando graus de intimidade e familiaridade do radialista com o ouvinte.

O radialista se retira do estúdio, a reportagem mostra imagens de um aparelho de rádio, a palavra “**CENSURADO**” e ruas da cidade de Natal. Acredita-se que seja “**A REGIÃO DO BOM PASTOR**” transcrita no exemplo abaixo. A locução interrompida é assumida pela fala do narrador, que relata:

(2) *Depois de quatro anos a rádio comunitária não pode mais transmitir em fm. Atingindo a periferia de natal, a violenta região do bom pastor.*

A partir da análise de Orlandi (2007, p. 85), “o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move”. Por isso, o procedimento analítico feito da palavra “**CENSURADO**”, leva-nos a acreditar que a decisão de fechamento da emissora, daquela cidade, certamente foi tomada pelo que foi dito, sugerindo que a programação da rádio foi proibida.

No exemplo (2), notamos a presença de características de uma matéria midiática, texto que foi pensado, organizado e editado. Nesse dado momento da série, o leitor/ouvinte recebe a informação de que a rádio era comunitária e que sua transmissão foi interrompida, o que prejudicou a região periférica Bom Pastor. Porém, essa comunicação não condiz com a função destinada a uma “rádio comunitária”, pois a ANATEL considera a rádio comunitária como rádio regular/legal. A transmissão da programação desse tipo de emissora possui uma série de restrições e não pode conter programas de jornalismo sensacionalista e de cunho político. Uma vez que, descumpridas essas normas, o referido órgão pode tomar as medidas cabíveis e uma delas concerne na apreensão do equipamento e fechamento da emissora.

A narração na qual o jornalista fala que o acontecimento, o fechamento da rádio acabou “**ATINGINDO A PERIFERIA DE NATAL, A VIOLENTA REGIÃO DO BOM PASTOR**” pressupõe que o público ouvinte daquela emissora estava sendo prejudicado de alguma forma naquele momento e que a mais prejudicada seria “*a violenta região do Bom Pastor*”.

Em seguida o radialista diz:

(3) *Nós tamo agora companhero numa democracia [...] Numa ditadura democrata.*

No exemplo (3), o radialista, de maneira informal, pronuncia a palavra “tamo” e em seguida desloca o sentido de ditadura, que deveria ser o oposto de democracia para a ideia de uma coisa só, de que a “ditadura” pode se dá num regime “democrático”. O senhor Silvino, nesse momento, alterou a voz e deslizou na transmissão de sua comunicação. Fica claro que isso acontece ao locutor como resultado de um nervosismo, provavelmente por estar indignado com o fechamento da emissora ocorrido naquele dado momento. Pêcheux diz que, apesar de alguns discursos te-

rem em seu contexto elementos linguísticos confusos, esses espaços discursivos são “logicamente estabilizados”, e dotados de espaços que refletem as próprias estruturas e artimanhas discursivas construídas pelo falante. O autor ainda pontua que mesmo que haja equívocos na constituição desses enunciados, “[...] todo sujeito falante sabe do que se fala” (PÊCHEUX 2008, p. 31)

O enunciado “ditadura militar” remete à história política brasileira no período de 1964 a 1985, quando os militares governaram o Brasil, significando a “falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar”.

Em virtude disso, constatamos que para o radialista a emissora foi fechada em decorrência das denúncias feitas ao vivo por ele em seu discurso. Esse pensamento está vinculado à sua memória interdiscursiva e intradiscursiva, em que remetendo às lembranças discursivas, ele compara o acontecimento do fechamento da rádio com a ação ditadora do período militar ocorrido no passado brasileiro.

Diante disso, destacam-se a partir da materialidade discursiva, do recorte (3), duas pressuposições para compreender o fechamento da emissora. Primeiro, ao comparar a ação da ANATEL, entidade estatal, com a ditadura militar, o radialista pretende lançar ao ouvinte a suspeita de que alguém ou algumas pessoas estariam denunciando e perseguindo a rádio. Contudo, o fato da rádio não possuir o alvará de funcionamento descarta essa possibilidade. Segundo, ao falar em “ditadura”, o locutor sugere que o leitor /ouvinte faça uma comparação entre as denúncias feitas na rádio, com perigos e ameaças a liberdade de expressão do radialista. Esse efeito de sentido funciona também como suposição de que a rádio FM Novo Horizonte estaria tomando uma posição contrária mediante a construção da arena na cidade de Natal para a realização da copa do mundo naquela cidade.

No exemplo (3), pudemos perceber que em seu discurso, o radialista chama os ouvintes de companheiros, tratamento esse que faz o analista interpretar que existia uma proximidade entre locutor e ouvintes. Já que, o narrador destacou em uma das imagens na matéria que Silvino, além de radialista era um comerciante da localidade. Essas constatações evidenciam que ambos compartilham juntos da mesma luta e fazem parte do mesmo grupo.

Outro ponto, observado no enunciado (3) consiste em um termo

da variante popular “tamo”, a abreviação do verbo conjugado na primeira pessoa do plural, tempo presente do indicativo “estamos”. Percebemos que ele não se preocupa em utilizar uma linguagem formal, algo que permite compreender Silvino como um locutor autônomo e informal, já que rádios ilegais não contam com uma equipe de funcionários registrados profissionalmente. Para a ANATEL, eles são batizados por “locutores piratas”, logo, se estiverem no estúdio da rádio no momento da apreensão dos equipamentos, esses trabalhadores informais são conduzidos à delegacia por não terem registro profissional e estarem atuando em uma rádio ilegal.

Sobre as considerações anteriores, é importante ressaltar as presenças da intencionalidade e da divisibilidade no discurso. Para exemplificar melhor, é notório que toda fala provoca em seus leitores e ouvintes duas posições, uma de direita e outra de esquerda. Desse modo, ao fazermos à análise de ambas as posições, estamos buscando ir além do que foi dito e do que está no nível das aparências. Isso porque, o ouvinte/leitor acaba sendo mobilizado pelas estratégias discursivas utilizadas pelo radialista. Quando o ouvinte não compartilha do conhecimento acerca das normas e leis que regem o funcionamento de uma rádio comunitária, ele pode acreditar somente na hipótese de que o fechamento da emissora aconteceu por causa das denúncias feitas na programação da mesma.

Nesse sentido, Orlandi (2007) destaca que a estratégia discursiva possui duas condições de sentido provocadas pela memória. A primeira se refere ao sentido amplo (as intenções ocultas e políticas da rádio e do site) e a segunda, ao sentido estrito e imediato (as intenções provocadas no leitor/ouvinte quanto à posição positiva ou negativa sobre a realização da copa do mundo no Brasil). Ambas as memórias discursivas são denominadas como interdiscursividade presentes nas margens das descrições e interpretações, ou seja, aquilo que estão nas entrelinhas, por trás do que é exposto.

Vejamos outro recorte discursivo que confirma a hipótese de que a rádio estaria sendo fechada por causa das denúncias feitas:

*(4) O pecado de Silveira e sua rádio: dar ao povo da periferia informações sobre o que a copa do mundo vai causar aos moradores da cidade. Com obras inexplicadas, avenidas que passam sobre casas populares e desapropriações sem que as pessoas atingidas sejam avisadas [...].*

Nessa marca discursiva está subtendido que o narrador utilizou uma metáfora para expor a notícia. Ele diz que “o pecado de Silveira e sua rádio foi dar ao povo da periferia informações sobre o que a copa do

mundo vai causar aos moradores da cidade”. O narrador, nesse caso, utiliza-se de uma estratégia discursiva de modo a suavizar a ação do radialista, considerando-se que a primeira palavra “*pecado*” dá uma conotação de “culpa”. O locutor da rádio cometeu um *pecado* pequeno; logo DEUS não pode condená-lo por isso. O narrador se preocupou em colocar o radialista na condição de pecador, ou seja, na posição de vítima, que apesar de cometer um “erro” pode ser perdoado. A linguagem, utilizada pelo narrador da série, mais uma vez é expressa de maneira formal e planejada. A leitura analítica que fazemos concorda com a teoria de Orlandi, que afirma:

Na análise de discurso, há noções que encampam o não-dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva. Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz “x”, o não dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”. Isto é uma formação discursiva pressupõe a outra: “terra” significa pela sua diferença com “Terra”, “com coragem” significa pela sua relação com “sem medo” etc. Além disso, o que já foi dito mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. Em outras palavras, o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva. (2007, p. 82-83)

No caso do exemplo (4), é possível constatar que tanto os conteúdos discursivos do site, quanto os da rádio, pretendiam inferir a ideia de que o preço pago pelas denúncias feitas por Silveira fora o fechamento da emissora. Analisa-se também que o jogo de palavras usado no exemplo (4), esteve em consonância com o recorte do exemplo (3). Ao dizer em seu intradiscurso, “*o pecado de Silveira e sua rádio*”, o narrador silenciou em seu interdiscurso o desejo em dizer, “*o crime de Silveira e sua rádio*”. Se ele substituísse a segunda formação discursiva pela primeira, o narrador colocaria em xeque a legitimidade do seu site de esportes, ESPN, e de forma implícita acusaria o radialista de criminoso e infrator da lei. Porém, na verdade, o jogo discursivo usado por ambos sugere que ao fechar a rádio, a ANATEL é que estaria abusando do poder.

Para o narrador, o radialista quis fazer parecer, por meio das palavras usadas por ele, que estaria participando do julgamento do processo, chamado da “ditadura” que teve como punição o fechamento da emissora. Os condenados seriam a rádio da cidade de Natal, Silvino, o apresentador do programa e a região do Bom Pastor. Os advogados de defesa, supostamente seriam os ouvintes, e os advogados de acusação, aqueles responsáveis pelas obras realizadas por causa da copa do mundo e os representantes do Estado.



No enunciado (5), constatamos que o locutor faz um comentário sobre as desapropriações feitas pelo governo por causa da realização da copa do mundo no Brasil.

*(5) Nós vamos ser atingidos, nós temos 429 desapropriações né, desapropriações essas que nós não sabemos com vai ser pago porque o valor do imóvel, o valor do IPTU, o valor do imóvel do IPTU o ano passado era no valor de sessenta mil reais, de imóvel no [gaguejou] [incompreensível] valor de sessenta mil reais. Como vai ser desapropriado houve uma [gaguejou] uma baixa desse valor pra vinte e oito mil reais. [...]*

A materialidade discursiva do radialista no recorte (5) apresenta um viés totalmente particular, além da presença de vernáculos, formas e estruturas confusas. Sobre o pagamento do IPTU e desapropriações, as informações expressas são colocadas de maneira imprecisa. Ao dizer que seria injusto o pagamento das desapropriações e ao citar a diminuição do IPTU, o locutor se mostra duvidoso e equivocado. A estranheza desse discurso consiste na mudança repentina do assunto, o que provocou deslizes, gaguejos e desordens em sua fala.

*(6) A rádio que estava irregular, ficou pra trás. O curioso dessa história é que a intervenção só aconteceu depois que Silvino começou a denunciar e debater os desmandos da copa.*

No exemplo (6), “a rádio que estava irregular, ficou pra trás”, o jornalista contradiz o dito no exemplo (2), sobre o fato de a rádio ser comunitária. Vimos que somente no final da reportagem, ele revela que a emissora “estava irregular”.

Teria ele omitido este fato com alguma intenção? Ou apenas aconteceu com o jornalista aquilo que é denominado por Orlandi (2007, p. 32) de *intradiscurso* e *interdiscurso*?

Courtine (1984) explicita que há diferença entre ambos, “[...] o que estamos chamando de interdiscurso – representado como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas”. (ORLANDI, p. 32)

De acordo com a análise feita, levando em conta os sujeitos do discurso, intenções, contexto, conhecimento partilhado, constata-se que a rádio não se tratava de uma emissora legal, mas “irregular”, como disse o narrador. Assim, o Estado tinha o direito de fazer cumprir a lei, apreendendo aparelhagem da rádio e impedindo sua transmissão a qualquer

momento. Ainda, pode-se verificar que ambos tinham a intenção de convencer implicitamente ao leitor/ouvinte, de que o fechamento da emissora, estava relacionado às questões políticas, por causa das denúncias feitas pelo radialista. Essas denúncias foram nomeadas por ele de “*os demandas da copa*”.

No recorte (7), abaixo, notamos que o locutor apresentou aspectos confusos e ideias alheias. Ele de forma parcial retransmite ideias de “outros” e faz uma junção das suas ideias para produzir argumentações. Vejamos o que Silvino diz:

*(7) O pessoal ligava reclamando o derrame de dinheiro que vinha pro nosso estado [...] na questão da construção dessa arena e os rateios que vai ser feito dos grandes empresários pra esses gestores que tão contratado [reformulou a fala] que estão fazendo as suas maléncias [incompreensível] nas suas contratações dessas licitações [discurso confuso] nós queríamos que essas licitações fossem verdadeiras. Princ[...] [fala interrompida] não é, [...] Quem é mais bonito tá aqui comigo [risadinha] que não é amigo[...] Quem paga mais tá comigo quem paga menos tá fora. [...]*

O nervosismo manifestado através da alteração da voz constitui a retomada direta de um discurso político, o radialista se expressa verbalmente de forma gritante, expondo os juízos de valor dele e dos outros e a repulsa sentida por ele e por outras pessoas, supostamente seus ouvintes que ligavam reclamando. Sobre esse tipo de papel argumentativo assumido pelo sujeito, Pêcheux (2008, p. 33) afirma que, “o sujeito pragmático – isto é, cada um de nós”, produzem discursos simples e particulares, segundo as diversas urgências de cada momento. Com base ainda em sua teoria, pode-se entender que o jogo metafórico usado no enunciado: ‘[...] quem paga mais tá comigo quem paga menos tá fora’, veio sugerir que existiam dois lados, X e Y, e que os beneficiados seriam os que tivessem mais dinheiro e poder. (PÊCHEUX 2008, p. 22)

Ao citar no exemplo (7), que: “*quem é mais bonito tá aqui comigo, quem paga mais tá comigo e quem paga menos tá fora*”. O radialista deixa no ar uma crítica ao relacionamento humano dentro de seus grupos sociais. Sabe-se que as relações são sempre baseadas nos interesses e intenções aos quais estamos inseridos no momento.

Essa observação partiu da compreensão teórica do discurso como função de intenção e intencionalidade, pois, toda relação, seja ela de cunho pessoal, religioso, profissional ou político, acontece obedecendo a uma hierarquia de afinidades. O político, defensor de ideias positivistas

estará em grupos que comungam do mesmo pensamento. Uma empresa composta por pessoas de uma mesma família vai selecionar funcionários que mais se encaixam em suas políticas de empreendimento tradicionalista. O religioso católico preferirá a convivência em meio àqueles que têm as mesmas devoções e crenças.

Dessa forma, é necessária a consciência de que esse jeito “interesseiro” ou “interessado” de ser e estar em nós, deixou fortes estigmas que influenciaram e influenciam até hoje as relações sociais.

No término do discurso mostrado na série, o locutor, em forma de desabafo relata:

*(8) Nessas discussões, terminando uma programação no começo do dia quinze do dia vinte de dezembro. [falou a data de forma confusa] Terminando essa programação [...] nós discutindo a questão da mobilidade urbana de forma errônea para nós que que [gaguejou] somos da dada. Somos da periferia(...) [retomou] e quando chegamos ali fora já tinha uma viatura da Anatel [...] é onde chegou e calou a nossa voz[...].*

No exemplo acima, é notória a repetitividade do pronome de caso reto, “*nós*”. Essa estratégia discursiva de repetição: “*nós* discutindo [...] de forma errônea pra *nós*; (*nós*) *somos* da periferia; (*nós*) *chegamos* e calou *nossa* voz”; demonstra que o radialista não se encontrava sozinho nessa luta. Ele deixou claro que fazia parte de vários grupos, e várias eram as pessoas que estavam ao lado dele, o grupo de colegas de trabalho, o grupo de ouvintes, o grupo do site de esporte, ESPN e principalmente o grupo da região periférica do Bom Pastor.

Ao dizer de forma consternada que, “[...] Silvino não ficou muito”, o narrador quis dar provas à rádio e ao radialista de sua cumplicidade e amizade, mesmo de maneira implícita. Ao produzir uma reportagem exclusiva retratando o fechamento da emissora, contribuiu para o não calar de Silvino e sua rádio.

*(9) Então eu digo que nós tamos no [gaguejou] num num [...] período da ditadura democrata [expressão confusa] dentro do nosso estado do Rio Grande do Norte. Porque nós fomos amordaçados pra não usar a nossa voz pra aquele que não tem o conhecimento como “eu” e outros temos.*

Por fim, na fala (9), o locutor se mostra de forma direta como o detentor da palavra, ele expressa-se como aquele que tem autoridade e possui conhecimento. Nesse sentido, ele se torna responsável pelo que diz, valendo-se do contexto de enunciação e da garantia da veracidade do enunciado. Maingueneau (2004) menciona:

Em geral, o indivíduo que fala e se manifesta como “eu” no enunciado é também aquele que se responsabiliza por esse enunciado. A essa noção de “responsabilidade” associam-se dois tipos de operação: situar-se como fonte de referências enunciativas, ancorar o enunciado na situação de enunciação; posicionar-se como responsável pelo ato de fala realizado (asserção, perdido, ordem, pergunta, etc.). Enunciar uma asserção, por exemplo, é apresentar seu enunciado com verdadeiro e garantir sua veracidade. (MAIGUENAUM, (2004, p. 137)).

Sugerindo uma ideia de continuidade, o narrador da série “Areia Movediça: A copa sob as dunas” finaliza sua matéria, dizendo:

*(10) No próximo capítulo da série areia movediça: a copa sob as dunas. Você vai ver como andam as obras da arena de natal.*

Enfim, pode-se acrescentar que todo discurso jornalístico promove uma interação social por interferência da língua. O discurso radiofônico em específico é caracterizado imprescindivelmente pelas argumentações do sujeito do discurso. Juntamente com as intenções, contexto, sentidos pretendidos, são aspectos que devem ser considerados nesta situação comunicativa, pois ao proferir um discurso o sujeito é capaz de se vestir totalmente de razão e vontade; avaliando e formando juízos de valor.

## **8. Considerações finais**

A análise discursiva dos textos que realizamos neste trabalho, comentários e observações mostrou-se pertinentes com relação ao referencial teórico utilizado. Diante das análises feitas por meio sócio-político-ideológico e por meio do estudo bibliográfico realizado no primeiro capítulo, conseguimos viabilizar a ligação entre as pressuposições feitas e hipóteses levantadas com base nas condições de produção, como estrutura e acontecimento.

Em se tratando de uma reportagem de interesse mundial, como o da realização da copa do mundo no Brasil no ano de 2014, não se pode negar que foram muitas as influências recebidas. Assim, mediante às análises feitas após a descrição e a interpretação do acontecimento, concluímos que, apesar da Rádio FM Novo Horizonte ser ilegal, o que justificaria o seu fechamento pela ANATEL, as denúncias feitas pelo radialista em seu discurso corroboraram para extinção da emissora. Por causa dessa situação, deparamo-nos com um quadro favorável para análise, examinamos de forma positiva a relação discursiva entre descrição e interpretação e materialidade.

Para os conhecedores da comunicação radiofônica, não é difícil reconhecer as memórias discursivas existentes, interdiscurso e intradiscurso. Os dados encontrados no corpus corroboraram para evidenciar teoricamente que a formação da linguagem discursiva, está intrinsecamente interligada a realidade sócio histórica de cada sujeito. Além disso, reconhecemos também que o cerne de toda análise, perpassa os caminhos da materialidade linguística. E cada vez mais que estudamos cada letra, palavra ou frase, os elementos implícitos são desvelados na organização de cada texto.

Conseguimos também notar que a veiculação pelo site ESPN de esportes foi muito bem elaborada tecnologicamente, pois as imagens expostas conseguiram interagir com os textos verbais e visuais, características que corroboraram para a construção dos sentidos.

Além disso, conseguimos também verificar que comunicação e discurso constituem definições que se completam, mas que podem andar sozinhas, ainda entendemos que a comunicação não pode se cercar apenas de algo técnico e o discurso não pode ser considerado como simples meio de comunicação. A prática do profissional de comunicação apesar de ser muito comum, pode ser diferenciada a partir do momento em que ele reconhece o poder da linguagem em suas mãos e faz de sua voz um artista de suas emoções. O locutor diferenciado é aquele que cria imagens e mundos, capazes de influenciar e construir no ouvinte por meio mágico seu poder de consciência, imaginação e realidade.

A posição popular assumida pelo radialista conjecturada a seleção lexical bem organizada do narrador do site ESPN, mostraram como os ouvintes e leitores estão cada vez mais interessados naquilo que é notícia e que corre na boca do povo. O interesse da reportagem em expor as questões políticas e sociais que estavam por trás do grande evento mundial que foi a copa do mundo no Brasil representou o desbravamento de força e coragem.

Sobre as constatações analíticas feitas, percebemos que o radialista usou uma linguagem popular, cotidiana e informal, porém, já na linguagem do narrador identificamos um planejamento, o uso de algumas metáforas e palavras formais. Mas para os ouvintes, era o locutor e comerciante Silvino o representante do povo, o “salvador da pátria”. Aquele que lutava pelos desapropriados e desprovidos. Contudo, o fechamento da sua rádio, calou a sua voz e o fez voltar a ser o simples comerciante que antes era. Apesar de ser popular, possuir uma linguagem informal e

ter um conhecimento natural, para o povo da “região do Bom Pastor”, e para seus ouvintes, ele era um herói, seu representante e companheiro.

Pôde-se constatar que o site de esportes [www.ESPN.com.br](http://www.ESPN.com.br), editor e produtor do vídeo tinha intenções que perpassaram a função de informar e dar notícias sobre esportes, pois além das reportagens de costume acrescentaram informações sobre as políticas públicas realizadas na copa mundial brasileira.

Ainda, conseguimos certificar, por meio das entrelinhas do discurso, que as declarações feitas pelo narrador, mostraram que outros vídeos e outras reportagens sob a realização da copa do mundo foram divulgados nesta *série*. A prova disso se dá pelo fato de que, ao acessar os vídeos do site [www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br) qualquer internauta tem acesso a imagens e áudios intitulados: “– Vídeo enviado por Roberto Farias – Série especial denuncia os abusos da Copa em Natal a equipe de reportagem da ESPN Brasil”.

Para tanto, pudemos analisar que o site de comunicação supracitado tinha intenções políticas intradiscursivas. Pois, desde o processo de produção da notícia, a seleção e veiculação da mesma, tudo foi minuciosamente planejado. Uma vez que, toda notícia antes de ir ao ar, passa por uma atividade bem conhecida pelos garimpeiros, todo editor de notícias vai garimpar sua matéria. Primeiro ele vai selecionar a pauta de uma entrevista, depois, produz a matéria, mostra-a á seu diretor (hierarquia maior da instituição) e, por fim, veiculá-la. Outra percepção analítica que tivemos foi com relação ao papel do jornalista que em sua narração, passa por influências chamadas teoricamente de assujeitamento. Ele é o (sujeito assujeitado) que reproduz suas ideias baseadas nas intenções da instituição esportiva ESPN.

Ainda no que se refere ao discurso analisado, contatou-se que por se tratar de uma reportagem, ela foi totalmente organizada com base nas intenções sócio-política do momento. Era preciso polemizar o período marco que o Brasil estava vivendo, a realização da copa do mundo. Ou seja, o resultado só seria alcançado se houvesse esforços dos profissionais, dos jornalistas envolvidos no processo de elaboração da matéria.

Desta forma, a análise feita aqui se atentou primeiro em descrever, observar e interpretar os argumentos apresentados pelo locutor da rádio. Depois, em evidenciar, através da reportagem produzida pelo site a presença de um contra discurso quanto à realização da copa do mundo no Brasil. E, por fim, analisar se as estratégias discursivas corroboraram pa-

ra sustentar a hipótese de que as denúncias feitas foram as responsáveis pelo fechamento da emissora.

Por fim, podemos chegar à conclusão de que os objetivos desta monografia foram alcançados de maneira satisfatória, e que, em virtude dos limites de tempo, muitos outros aspectos interessantes ainda podem ser salientados em uma pesquisa que explore mais profundamente a questão da estrutura e do acontecimento. Logo, o que podemos afirmar é que tal trabalho proporcionou grande prazer pessoal e profissional em sua elaboração, dado a grande importância e valor dos estudos para as áreas humanas, para a construção dos estudos em Comunicação e para a continuidade dos estudos em Letras.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELARD, Hugo. *História do rádio*. Disponível em: <[www.musikcity.mus.br](http://www.musikcity.mus.br)>. Acesso em: 07-10-2015.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. Trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.
- CORONEL, Pedro Sanchez; FAXINA, Elson. *Dicas para comunicadores populares*. Rádio Nova Vida FM. Curitiba, 2004.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GRÁFICO da evolução da audiência do rádio. Estatísticas de comportamento. Disponível no site <[www.abert.org.br](http://www.abert.org.br)>. Acesso em: 07-10-2015.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A interação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- LADEIRA, César; AZEVEDO, Lia Calabre. *No tempo do rádio e difusão*. Acabaram de ouvir: reportagem numa estação de rádio. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1933, p. 121-122. Disponível em: <[www.historia.uff.br](http://www.historia.uff.br)>. Acesso em: 07-10-2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

MASSARO, Carlos. Disponível em:

<[www.tudoradio.com/noticias/ver/9852-pesquisa-do-ibge-mostra-que-radio-esta-80-dos-lares-brasileiros](http://www.tudoradio.com/noticias/ver/9852-pesquisa-do-ibge-mostra-que-radio-esta-80-dos-lares-brasileiros)>. Acesso em: 11-10-2015.

MOURA, Landell. *Memorial rádio pirata*. Disponível em:

<[www.memoriallandelldemoura.com.br](http://www.memoriallandelldemoura.com.br)>. Acesso em: 07-10-2015.

*OBSERVATÓRIO da imprensa*. Disponível em:

<[www.observatorioidaimpresa.com.br](http://www.observatorioidaimpresa.com.br)>. Acesso em: 07-10-2015.

ORLANDI, Eni. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 2008.

RÁDIO comunitária de Natal é fechada após denúncia. In: *Areia movediça: a copa sob as dunas* (série). Disponível em: <[www.ESPn.com.br](http://www.ESPn.com.br)>. Acesso em: 014-03-2015.

SANTOS, Carlos Roberto Praxedes. *Das rádios livres às rádios comunitárias: aspectos históricos*. Disponível em:

<[www.utp.br/tuiuticienciaecultura](http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura)>. Acesso em: 07-10-2015.

TOTA, Antônio Pedro. *A locomotiva no ar: rádio e modernidade em São Paulo. 1924-1934*. São Paulo: Sec. de Estado da Cultura/PW, 1990.